



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10- Informação e memória

AS INSTITUIÇÕES-MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE IGARASSU-PE: LUGARES DE INFORMAÇÃO.

Maria Cristina Guimarães Oliveira¹, Moaci Vilarino Cunha Júnior²

Modalidade da apresentação: comunicação oral

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar as Instituições-memória do município de Igarassu – PE: a Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de Melo, o Museu e o Instituto Histórico de Igarassu, além da Pinacoteca do Convento de Santo Antonio e da Casa do Patrimônio do IPHAN, bem como afirmar o papel social da Ciência da Informação, de organizar, preservar e disseminar a memória registrada da humanidade. A fim de alcançar este objetivo, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico, entre os principais teóricos da área, com a temática memória, e suas relações com a Ciência da Informação. Para tanto, buscou-se publicações nos dois bancos de dados da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), também nos anais do Encontro Nacional de Ciência da Informação (ENANCIB), como também foram realizadas consultas às referências bibliográficas disponíveis em dissertações e teses sobre os

¹ Mestrado em Ciência da Informação (UFPB), 1992. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2007.

² PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

assuntos relacionados à temática. Posteriormente, ocorreram visitas aos locais pesquisados, onde foi realizada uma pesquisa documental com o propósito de conhecer os dados de cada instituição, tais como: histórico, a imagem (missão, visão, valores), formas de ação e tipo de memória sobre a cidade de Igarassu custodiada nestas instituições. Como resultado preliminar da pesquisa, percebemos que é papel social dos museus, bibliotecas e outras instituições-memória, preservar e manter a memória da humanidade, uma vez que abrigam conjuntos documentais que servirão à posteridade. No entanto, não basta apenas preservar. É preciso fazer com que o indivíduo conheça sua própria cultura, só assim ele entenderá a importância de mantê-la viva na memória como forma de resguardar o que fomos, o que somos.

PALAVRAS-CHAVE: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO; MEMÓRIA; LUGARES DE MEMÓRIA; IGARASSU – PE.

ABSTRACT: *This article aims to present the institutions-memory of the municipality of Igarassu - PE: the Municipal Public Library Hercília Bezerra Melo, the Museum and the Igarassu History Institute, the art gallery of the convent Santo Antonio and Heritage House IPHAN and affirm the social role of Information Science, to organize, preserve and disseminate the recorded memory of humanity. In order to achieve this goal, it was first carried out a literature among theorists main area, with the theme memory, and its relations with the Information Science. Therefore, we sought to publications in the databases Referential Database of Journal Articles in Information Science (BRAPCI), also in the annals of the National Meeting of Information Science (ENANCIB), as were also held consultations with references bibliographical available in dissertations and theses on issues related to the theme. Later, there were visits to the areas surveyed, where a documentary research in order to know the details of each institution was carried out, such as history, the image (mission, vision, values), forms of action and type of memory on the city Igarassu guarded these institutions. As a preliminary result of the research, we realized that is social role of museums, libraries and other institutions-memory, preserve and maintain the memory of mankind, once home to sets of documents that will serve to posterity. However, not enough to preserve. We need to get the individual to know their own culture, just so he will understand the importance of keeping it alive in memory as a way to protect what we were, what we are.*

KEYWORDS : INFORMATION SCIENCE ; MEMORY; MEMORY SEATS ; IGARASSU - PE

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a humanidade gera novos conhecimentos a partir da apreensão de informações que recebe versus a realidade que a cerca. Estas informações, produto da humanidade, estão inseridas em diferentes contextos: científico, político, artístico e cultural. Portanto, a informação tem sido um elemento significativo no desenvolvimento humano, com um importante papel na sociedade contemporânea, visto que representam uma construção social está atrelada ao processo de construção do conhecimento que, por sua vez, ocorre no cotidiano dos grupos sociais. (CAPURRO, 2003) (SOUZA, 2007) (RAMOS, 2008).

Certamente, para colaborar com essa construção, o homem sempre se preocupou em desenvolver formas de reunir, preservar e disponibilizar as informações, seja na construção de bibliotecas na Antiguidade, como as de Nínive, a de Pérgamo, e, especialmente, a Biblioteca de Alexandria (MARTINS, 2002), e ainda, na invenção de Gutenberg; ou mais recentemente nas informações “que pairam no espaço virtual”, a chamada “informação nas nuvens” (ROBREDO, 2011).

A Ciência da Informação - CI surge para investigar as propriedades, as forças que governam o fluxo e os significados do processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso (BORKO, 1968). Saracevic (1996, p.60) afirma que “a necessidade da Ciência da Informação é tornar mais acessível um acervo crescente de conhecimento”.

A CI no transcurso de sua trajetória como área de conhecimento é considerada uma ciência interdisciplinar em razão das relações estabelecidas com quatro campos científicos: biblioteconomia, ciência da computação, ciência cognitiva e comunicação (SARACEVIC, 1996). No entanto, Souza (2007) assegura que a mesma está “mais afeita à abordagem transdisciplinar, tendo em vista que, seus estudos iniciais foram elaborados por indivíduos de múltiplas profissões”, a autora completa que em lugar da interdisciplinaridade, defendida por Saracevic (1996), pode se lançar “um novo olhar sobre o fato do grupo de profissionais, de formação diferente, estar mais para heterogeneidade, uma das características da transdisciplinaridade” (SOUZA, 2007, p.88).

Ainda quanto ao surgimento da Ciência da Informação, segundo Pinheiro (2005) existem duas raízes: “[...] de um lado a Bibliografia/Documentação e, de outro, a recuperação da informação.” O autor então identifica o tema memória na base do próprio aparecimento da CI. “Na primeira o foco é o registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização e, no segundo, as aplicações tecnológicas em sistemas de informação, proporcionadas pelo computador” (PINHEIRO, 2005, p.16).

Os estudos da Ciência da Informação relacionados à memória, principalmente em torno da preservação, têm ocasionado diálogos sobre os mecanismos sociais, produtores da memória coletiva.

Bosi (2007) afirma que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. São nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos tornam singular diante das outras sociedades e nos dão uma identidade de povo, de nação.

Portanto, a memória é um elemento essencial da identidade, visto que ela é um construto formado de experiências que a humanidade vai adquirindo ao longo de sua história.

O exterior exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que está presente no nosso imaginário e é transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material (PATRIOTA, 2012, p.3).

Diante da importância de preservação da memória de um povo, de uma cidade, de uma nação, o homem percebeu a necessidade de um local para salvaguardar materialmente esses registros. Sendo assim, de acordo com Monteiro, Carelli e Pickler (2008, p.1) se observa que “Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados lugares da memória da humanidade, pelos quais, a perspectiva da memória é vista como preservação.” No entanto, se não houver um bom uso dos lugares de memória, muitas das informações que eles guardam serão esquecidas. Visto que, nem sempre tudo que está guardado e registrado, é lembrado. Esquecer é tão natural quanto lembrar (IZQUIERDO, 2002). “O esquecimento é algo inerente e constante das diversas culturas, e ocorre por diferentes razões, seja por mediação entre grupos, por lutas ou mesmo disputa” (RIBEIRO, 2014).

Escrever sobre os lugares de memória é quase sempre refletir sobre passado e presente, ou melhor, a necessidade humana de guardar e conservar o passado em nosso presente. Este artigo é produto de uma revisão bibliográfica para a pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Ciência da Informação, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, com o título: Lembranças e esquecimentos: aspectos contributivos dos lugares de memória na identidade cultural da cidade de Igarassu – PE. Na paisagem do conjunto arquitetônico do sítio histórico desta cidade, identificamos pelo menos 05 instituições responsáveis em preservar a memória do município, de seu povo, suas tradições, sua história. São elas: a Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de

Melo, o Museu e o Instituto Histórico de Igarassu, a Pinacoteca do Convento de Santo Antônio e a Casa do Patrimônio do IPHAN. Cada uma, de modo particular, preserva a memória de uma cidade rica em história.

Este artigo pauta como procedimento de investigação numa pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e tem como objetivo apresentar os lugares de memória mencionados; bem como analisar cada função social. Para alcançar este objetivo, primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico, entre os teóricos da área, com a temática memória, apontando suas relações com a Ciência da Informação. Para tanto, buscou-se publicações na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), também nos anais do Encontro Nacional de Ciência da Informação (ENANCIB), além de consultas as referências bibliográficas disponíveis em dissertações e teses sobre os assuntos relacionados ao objeto de estudo. Posteriormente, ocorreram visitas aos locais pesquisados, para realização de pesquisas documentais, para coletar dados relevantes de cada instituição, tais como: histórico, a imagem (missão, visão, valores), formas de ação para disseminar a memória municipal custodiada nessas instituições.

2 A MEMÓRIA E OS LUGARES DE MEMÓRIA

A memória, de acordo com Nora (1993), é viva, e emerge da sociedade que ajudou a unir, se enraizando no concreto, no gesto, na imagem, no objeto. Por isso, “[...] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (p.76). Enquanto fenômeno social pode ser entendido como a história, a tradição e a cultura de um povo.

A princípio, como descreveu Sá (2007, p.290), a memória pode ser objeto não só do “funcionamento de organismos vivos e de máquinas”, mas também da sociedade, da história, da política, das manifestações culturais, como a arte e a literatura.

O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar (NORA, 1993, p.15).

A memória é necessária, para que a partir de conhecimentos acumulados, o homem consiga lidar de uma maneira diferente com novas situações na construção do presente. Logo, a tarefa da memória é fundamentalmente de preparação da experiência do homem, visto que somos tudo aquilo que lembramos, ou seja, a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de

vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente (SANTOS, 2003, p. 25-26).

Existem, de acordo com os estudos de Halbwachs (1990), Pollak (1992), Nora (1993), Le Goff (2003) e Silveira (2010), dois processos para trazer à tona a memória, são eles: a memória voluntária, como o nome já demonstra, depende da nossa vontade de lembrar, trabalha como um arquivo, que nos fornece informações sempre que houver necessidade, a memória involuntária que é justamente aquela que não depende de nosso esforço consciente de recordar. Dependendo da ocasião ela pode emergir à mente e “reencontrar o tempo, bem como recuperar o passado” (SILVEIRA, 2010, p.74).

Halbwachs (1990) e Pollak (1992) asseguram que as memórias e lembranças dos homens são produtos da sociedade em que ele vive. Para os autores, a memória é a construção que se faz a partir das experiências passadas. Essa memória que ultrapassa a memória individual e biológica, seria a memória coletiva, um quebra-cabeça, uma memória concebida por um grupo, um povo, uma nação, estabelecendo a identidade da história do grupo relacionado.

Na visão de Le Goff (2003) a memória coletiva faz referência à memória da sociedade oral, que são aquelas que precedem a invenção da escrita, onde todo conhecimento era transmitido oralmente por meio de narrações, rituais e mitos. O autor afirma que a memória coletiva não é apenas uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. O autor ainda destaca a importância do *mnemon*³, para poder-se compreender a passagem da memória oral à memória escrita. Segundo o autor, o *mnemon* é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Pode ser uma pessoa cujo papel de "memória" está limitado a uma operação ocasional (LE GOFF, 2003). No entanto, com a invenção da escrita, os registros estavam salvaguardados em um determinado suporte, não mais cabendo à memória do homem a exclusiva função de preservar as informações. (MONTEIRO, CARELLI E, PICKLER, 2008)

2.1 A Memória na Ciência da Informação

³Do grego, *mnemonikós*, *mnemon*=atento. Adjetivo relacionado à memória. Os antigos gregos consideravam a memória uma entidade sobrenatural ou divina: era a deusa *Mnemosyne*, mãe das musas, que protegem as artes e a história. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade (CHAUI, 2003)

Em um primeiro momento, a memória seria a capacidade de armazenamento de determinadas informações, quer por um indivíduo, por um grupo, ou uma comunidade. No entanto, entendemos que o conceito de memória pode variar dependendo da área do conhecimento onde será estudada, a fim de atender as necessidades de cada pesquisa. Galindo (2012) procurando definir uma noção de memória para Ciência da Informação reafirma que no conhecimento popular, o termo invoca o sentido de passado, muito próximo a disciplinas como arqueologia, história e arquitetura; todavia, para a Ciência da Informação “o tempo passado revela apenas parte de uma semântica incógnita, aplicada a circunstâncias muito específicas”. (p.222)

Na verdade, os lapsos da memória induziram o homem a procurar meios externos para perpetuar seus conhecimentos, seu passado, sua identidade, visto que a vontade de registrar e guardar seus saberes sempre existiu na natureza humana. Salvaguardando informações importantes estariam assegurando que as gerações futuras tivessem acesso a essa memória preservada, caso eventualmente ele pudesse ter a necessidade de uma consulta. Neste sentido, encontramos uma relação muito direta entre Memória e Informação:

Quanto à relação entre informação e memória, ela pode ser considerada, na medida em que um determinado elenco de informações que se referem ao passado de um grupo são reunidas e relacionadas entre si, como forma de dar um sentido de compartilhamento de passados, constantemente construídos e reinterpretados. Assim pode-se exemplificar a relação entre a informação e a memória na multiplicidade de suportes que a informação pode assumir, no seu processo de representação através da cultura material, expressos como documentos e monumentos. (AZEVEDO NETTO, 2007, p.14-15)

Ou seja, a memória é um fenômeno construído a partir de informações socializadas e incorporadas ao discurso de uma determinada comunidade, que oferece à sociedade um senso de identidade, cuja documentação referente a essa memória é um dos objetos de estudo da Ciência da Informação. Sendo assim, o conceito de Le Coadic (1996) para informação está muito próximo do que a Ciência da Informação - CI entende como memória: “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual; [...] transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita [...]” (p. 5).

Corroborando com estas afirmações, Tavares e Silva (2012) asseguram que

Na Ciência da Informação o estudo da memória, tanto individual quanto coletiva, coloca-se como objeto de investigação científica que permite o acesso a registros do passado, buscando atingir formas de preservar as experiências do conhecimento científico, político, social e cultural. Esses registros dizem respeito a reflexões do

inconsciente, de vivências e experiências, histórias de vida, individuais e coletivas que vão sendo construídas ao longo do tempo. (p.3)

Evidentemente, essa relação entre memória e informação se dá, como demonstra Fragoso (2008), de uma forma intrínseca. As informações selecionadas que passaram pelo filtro individual ou coletivo vão sendo conservadas pela memória que, por sua vez, “precisa de uma representação ou de um suporte de informação para exercer suas funções e significações históricas, seja esse suporte um indivíduo, um grupo social, um monumento ou um documento” (p.53).

Em relação a esses suportes de informação, nenhuma tecnologia foi tão revolucionária para a preservação da memória quanto à invenção da escrita, tendo em vista que, com ela, conseguimos acumular textos ao quais recorreremos na busca de soluções para problemas a resolver. No entanto, Dodebei e Gouveia (2008) salientam que a medida que a massa documental se ampliava, se impunha a necessidade de classificá-la e dotá-la de índices de recuperação; caso contrário a inacessibilidade do texto desejado transformaria a fonte do saber em lixo orgânico, e o que deveria ser lembrado, seria eternamente ou temporariamente esquecido. Daí a importância de lugares de memória específicos para cada tipo de memória artificial e documentária existente.

Essas memórias artificiais e documentárias constituíram bibliotecas e arquivos. Se ampliadas as formas de registro para as imagens bidimensionais, como a fotografia e em movimento ou sonoras, como o cinema e a música vemos a criação de acervos fotográficos, cinematecas, fonotecas. Da seleção dos objetos que circularam nas sociedades primeiras ou primitivas e nas sociedades urbanas e plurais formaram-se os museus como hoje conhecemos. (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p.92)

As autoras ainda salientam que as memórias documentárias são representações de uma memória coletiva e como representações são, ao mesmo tempo redutoras e duplicadoras do conhecimento produzido. (DODEBEI; GOUVEIA, 2008). Neste contexto fica clara a necessidade do estudo da memória registrada (artificial ou documentária) em seus diversos suportes, presentes em bibliotecas, arquivos e museus.

Ribeiro (2010) reafirmando esta relação indica que as bases de dados, os museus, os arquivos, as redes e as bibliotecas como equipamentos coletivos de recuperação da informação forneceram novas maneiras de compreensão cognitiva ao mundo contemporâneo. Deste modo, esses lugares, garante a autora, associados às atuais preocupações de elaboração de políticas voltadas para a organização, tratamento, a preservação e a conservação documental estabelecem um novo cenário, cujos assuntos referentes ao patrimônio e a

memória validarão tais instituições como ambientes efetivos de atividades de conhecimento e comunicação.

Não obstante, é preciso salientar que, para a Ciência da Informação a memória produzida ontem tem o mesmo valor como objeto de estudo que registros centenários, eleitos como representativos de interesse histórico ou patrimonial. De acordo com Galindo (2012) não é dever da Ciência da Informação a reconstrução do passado histórico memorial, ela antes pretende compreender a origem dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação, cuidando de maneira a antecipar de prováveis meios de corrupção, dano ou perigo, “entendimento apropriado ao ofício da curadoria, aquela função que busca zelar pelo interesse público sobre os produtos da inteligência” (p.223).

Em linhas gerais, escrever sobre a relação memória e Ciência da Informação é quase sempre refletir sobre passado e presente, e sobre a necessidade humana de guardar e conservar o passado em nosso presente.

Surge então a necessidade dos “lugares de memória”: espaços físicos ou simbólicos, com a finalidade de preservar a memória, seja individual ou coletiva. Por isso, os lugares de memória, “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar, elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13).

Competem às instituições-memória, nomenclatura empregada por Fragoso e Azevedo Netto (2011) para os lugares de memória, o propósito de preservar a memória social, resguardando assim a identidade cultural de cada povo.

Instituições-memória são órgãos públicos ou privados, instituídos social, cultural e politicamente, com o fim de preservar a memória, seja de um indivíduo, de um segmento social, de uma sociedade ou de uma nação; que tem funções de socialização, aprendizagem e comunicação, e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na construção de identidades e da história, e na produção de trabalhos científicos. (FRAGOSO; AZEVEDO NETTO, 2011, p.9)

Já a informação patrimonial é entendida como um conjunto de bens materiais e imateriais, selecionados, armazenados em museus, arquivos, bibliotecas, centros de documentação e outras instituições (FONSECA, 2003.).

Vale salientar, como defende Silveira (2012) que os lugares de memória “[...] são instituições que nos permitem acessar por intermédio de seus acervos, as experiências comuns a toda humanidade, bem como as razões e os intentos de cada um de seus usuários em particular” (p.7).

3 AS INSTITUIÇÕES-MEMÓRIA NO MUNICÍPIO DE IGARASSU – PE

Distante 28 km da capital Recife, Igarassu é considerada o berço da colonização de Pernambuco. A história do Brasil percorre as ruas do sítio histórico, composto por Igrejas e casarios centenários.

O dizer que “Igarassu é o berço do Estado de Pernambuco” é seguramente o aforismo que define a importância histórica desse município. O lugar primitivo, como bem descreve Nascimento (2014), era ponto litorâneo estratégico de chegada e saída de embarcações, e assim, permaneceu ao longo do tempo. Com a doação das capitanias hereditárias, que coube a Martin Afonso de Souza delimitá-las, Igarassu limitava a capitania de Pernambuco com a capitania de Itamaracá. Quando o jesuíta e senhor de engenho Gabriel Soares de Souza escreveu o Tratado Descritivo do Brasil, em 1585, fez referência a Igarassu, denominando-a de “Vila de Cosmos”, localizando-a “junto ao rio de Igaruçu, que é marco entre a capitania de Itamaracá e a de Pernambuco, a qual a vila será de duzentos vizinhos pouco mais ou menos, em cujo termo há três engenhos de açúcar muitos bons”. (p.8)

Isto significa dizer que o processo de povoamento da Capitania de Pernambuco se deu a partir de Igarassu em direção a Olinda. Dela também teve início, no Brasil, a cultura da cana e a indústria açucareira cuja capitania de Pernambuco foi, durante todo o período colonial, a maior produtora da América Portuguesa. (NASCIMENTO, 2014, p.8)

A palavra Igarassu é de origem tupi e significa: Igara = Canoa; Assu = Grande. A cidade, segundo a tradição, foi fundada em 27 de setembro de 1535, após a vitória dos portugueses sobre os índios Caetés⁴ e por ordem do Capitão Afonso Gonçalves – que mandou erigir no local da vitória uma capela votiva consagrada aos Santos Cosme e Damião – hoje considerada a mais antiga do Brasil (BARRETO NETO, 1999).

A elevação a categoria de vila, ocorrida em data não precisa, mas provavelmente em 1564, criou os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, dotando a localidade de autonomia política, administrativa e econômica. Esses dados são importantes para entender as relações

⁴ A porção territorial, atualmente conhecida por Igarassu, encontrava-se, no século XVI, ocupada por tribos indígenas. Infelizmente, a historiografia brasileira investigou e documentou muito pouco a respeito das ocupações primitivas. Desta forma, não podemos precisar a forma de ocupação e as tribos que habitavam o local. Nos registros deste período o grupo mais destacado foi a tribo dos Caetés, documentada em 1631 no Mapa do Estado do Brasil de João Teixeira Albernaz. (PEREIRA, 2012).

com o espaço e com as práticas culturais presentes em Igarassu. Assim, pode-se afirmar com segurança que o município compreende um território cultural muito mais amplo que o seu espaço geográfico.

O conjunto arquitetônico e paisagístico de Igarassu foi inscrito no livro arqueológico, etnográfico e paisagístico do IPHAN através do processo 359-T-45 em 10/10/1972. Ele ocupa uma área de 396.202 metros quadrados, da qual o sítio histórico ocupa uma pequena parte. [...] é um dos principais testemunhos materiais do Brasil Colônia (1500-1822), através tanto de bens culturais edificados de pedra e cal, herança da colonização portuguesa, quanto de remanescentes, vegetação nativa ou introduzida nos primeiros anos da colonização. (KÖHLER, 2011, p.268)

É nesta paisagem que encontramos, ao menos, cinco instituições responsáveis em preservar a memória do município: a Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de Melo, o Museu e o Instituto Histórico de Igarassu, além da Pinacoteca do Convento de Santo Antônio e a Casa do Patrimônio do IPHAN.

3.1 Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de Melo

O Histórico da Biblioteca de Igarassu, elaborado por Melo (2005), revela que existia na cidade, em meados do século XIX um Gabinete de Leitura, antes mesmo da criação de uma biblioteca Pública Municipal. A primeira Biblioteca Pública do município somente foi criada em 7 de outubro de 1942, com o ato nº 53 de 7 de outubro de 1942, pelo então prefeito Martiniano de Barros Correia. De acordo com Cunha Júnior e Correia (2007) grande parte dos usuários da Biblioteca são alunos do ensino fundamental das escolas públicas do município, no entanto ela não restringe sua atuação ao de uma biblioteca escolar.

O projeto de reabertura da biblioteca teve consultoria do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por intermédio de seus estagiários, e do SBPE.

O acervo (estimado em mais de cinco mil livros) é classificado de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU). Cada área do conhecimento tem uma cor própria e são arrumadas nas prateleiras de forma a facilitar a sua localização.

A aquisição destes livros foi processada por meio de doações e permutas. Vale salientar que as doações são de péssimo estado, e as verbas são poucas para a compra de novos livros. As publicações adquiridas são examinadas cuidadosamente, evitando registro de obras incompletas, rasgadas, com folhas em branco ou fora de ordem. Livros com microorganismos são incinerados.

[...] as atividades culturais merecem destaques. O Espaço Biblioteca, por exemplo, teve uma média de duas exposições por mês, valorizando a cultura e artistas de Igarassu. Segundo o livro de movimentação, foram cerca de duas mil pessoas visitando as exposições durante o ano de 2006. A biblioteca desenvolve ainda outros projetos: Brinquedoteca, Oficinas de artes, Ler na Praça, Biblioteca Itinerante, Hora do Conto, Saraus, Palestras, Cinemateca, Videoteca Futura (em parceria com o Canal Futura), além de vários eventos temáticos, como apresentações de corais, grupos musicais, peças teatrais, entre outros. (CUNHA JÚNIOR; CORREIA, 2007, p.10)

3.2 Museu Histórico de Igarassu

Fundado em 24 de janeiro de 1954 pelo Dr. José Eduardo da Silva Brito – então presidente do Instituto Histórico de Igarassu. Em 1972, não tendo como manter o acervo, o Instituto, através de convênio, repassou para Prefeitura Municipal de Igarassu a administração do Museu que, atualmente, ocupa três casas do século XIX. Seu acervo é composto por 250 peças, possuindo também, um Departamento de Pesquisa Histórica, responsável pela guarda de importantes documentos da história de cidade. (MELO, 2010)

O corredor central da casa separa um espaço dedicado às artes sacras e outro que reproduz a sala de estar de uma residência, batizada Barão de Vera Cruz, numa homenagem a Manoel Joaquim Carneiro da Cunha (o nome do barão), proprietário do Engenho Monjope. Mesinhas, armário, estante, escarradeira e quadros compõem o ambiente, com janelas voltadas para o Sítio Histórico. Um jarro de porcelana francesa, apoiado numa das mesas, pertencia ao Engenho Monjope. Foi usado na recepção oferecida pelo barão ao imperador dom Pedro II, que pernitoou em Monjope. Pedro II visitou Igarassu em 5 de dezembro de 1859, numa viagem pelo Nordeste brasileiro. (BARRETO NETO, 1999).

Em outra sala, o museu presta homenagem aos negros, com objetos de uso de escravos. Há jarra de água com cuia para colher o líquido, pilão, cadeiras, a Calunga do Maracatu Estrela do Norte (1894), um fuso da casa de farinha do Engenho Araripe do Meio (do engenho só sobrou a capela) e uma cana de leme de uma embarcação hispano-portuguesa do fim do século XVII.

A sala da arte sacra exhibe imagens de Jesus Cristo, São Benedito, São José de Botas, Santo Antônio, Nossa Senhora e dos Santos Cosme e Damião, festejados no dia 27 de setembro. Completam a decoração oratórios dos séculos XVIII e XIX, de famílias tradicionais do município, e a lápide da sepultura do coronel João César Falcão, de 1758.

As visitas em grupo (escolas) devem ser agendas com antecedência. Estudantes de escolas públicas não pagam e aos alunos de colégios particulares é cobrada meia-entrada.

Atualmente o museu encontra-se em reforma, ainda sem data para sua reabertura. Suas peças encontram-se em uma sala reservada, e estão sob a custódia de um historiador, atual gestor do espaço.

3.3 Instituto Histórico de Igarassu

A criação do Instituto Histórico de Igarassu foi prevista, em 06 de maio de 1952, através da Resolução de nº 24 da Câmara Municipal. Quase um ano depois, em 23 de maio de 1953, em reunião realizada no Sobrado do Imperador, na sala Santo Antônio, destinada às reuniões da mesma Câmara e sob a presidência do Dr. Benjamin de Moraes Cavalcanti - Juiz de Direito da Comarca, foi fundado solenemente o Instituto Histórico de Igarassu, objetivando a preservação e o estudo da história do povo Igarassuense (MELO, 2010).

Em 1979, o Instituto Histórico de Igarassu fechou as portas e após um longo período, em 1998 retornou seus trabalhos por intermédio de um grupo de dedicados cidadãos, defensores da história do povo do município.

Atualmente o Instituto Histórico de Igarassu tem sede na Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de Melo. Mas na prática não existem reuniões, tampouco algum acervo ou documento no local. Estes “cidadãos defensores” da história do povo do município detêm as informações e acervos de modo particulares, e promovem eventos e reuniões de forma esporádica, que nem sempre tem o alcance em nível municipal.

3.4 Pinacoteca do Convento de Santo Antônio

O convento de Santo Antônio, datado de 1588 e erguido pela Ordem dos Franciscanos é referência em alguns capítulos da história pernambucana. Os holandeses que em 1630, invadiram e assumiram o controle de Olinda e Recife, chegaram - dois anos depois - a Igarassu. Calvinistas convictos e praticantes, eles perseguiram os franciscanos, obrigando-os a se retirarem do convento que permaneceu fechado, até 1654, durante toda a ocupação holandesa. É no antigo dormitório dos noviços, construído em 1705, que foi instalado o Museu Pinacoteca, criado por iniciativa do Dr. Airton Carvalho, sendo aberto ao público em agosto de 1957. Reúne 24 quadros/painéis dos séculos XVII e XVIII, oriundos da Sé de Olinda, Igreja dos Santos Cosme e Damião e do próprio Convento.

Encontram-se expostos na Pinacoteca o maior conjunto de painéis em estilo barroco da América Latina. As obras são de grandes dimensões, feitas para adornar as celas dos noviços, que datam dos séculos XVII e XVIII, e são de autoria de artistas anônimos. São destaques os

quatro painéis votivos que pertencem a matriz de Igarassu, considerados como dos mais importantes da América Latina em arte barroca. (BARRETO NETTO, 1999).

A pinacoteca do convento se encontra aberta para visitação da comunidade e dos turistas. Não existe nenhum projeto específico, no âmbito público e privado, para disseminação das obras de artes expostas no local.

3.5 Casa do Patrimônio de Igarassu

A Casa do Patrimônio de Igarassu surgiu juntamente com o Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, visto que existia a necessidade de implantar uma unidade da instituição no sítio histórico da cidade, levando em conta a proximidade com os municípios de Goiana e Itamaracá, também detentores de bens protegidos pela legislação federal e fiscalizados pelo IPHAN/PE. Em 2006 o IPHAN deu início a uma negociação com a Prefeitura municipal para a cessão do prédio Sobrado do Imperador, para que nele fosse instalada a Casa do Patrimônio de Igarassu. Em 2010 a Casa foi implantada junto com o Escritório Técnico do IPHAN. Desde que foi implantada, a casa do Patrimônio de Igarassu desenvolve uma série de ações educativas que visam a proteção e divulgação do Patrimônio Cultural local. Dentre elas estão os projetos:

- Igarassu: Patrimônio e História – Visitas Continuadas com Alunos das Escolas Públicas aos Bens Culturais e Ambientais do Município de Igarassu (PE);
- Sobrado dos Bonecos;
- Rede de Parceiros da Casa do Patrimônio de Igarassu;
- Exposição Preservar Igarassu (Que contempla o uso do Jogo do Patrimônio 2.0 e o Jogo da Memória com temas da Cultura local); (CAVALCANTI; CUNHA JÚNIOR, 2015).

Uma das primeiras ações educativas da Casa do Patrimônio de Igarassu foi o projeto “Igarassu: Patrimônio e História” com visitas continuadas dos alunos das Escolas Públicas de Igarassu (PE), este projeto buscou trabalhar com alunos das escolas municipais e estaduais do município de Igarassu, PE com fundamento na aprendizagem e valorização dos conhecimentos e práticas dos quais o próprio aluno é portador. Pressupõe-se o envolvimento de uma equipe multidisciplinar, tendo-se como principais órgãos envolvidos – no âmbito municipal –, a Secretaria de Cultura, a Secretaria de Educação, a Biblioteca Municipal, o Museu de Igarassu, a Casa do Patrimônio/Iphan e, obviamente, as escolas do município e a comunidade como um todo. Pretendeu-se promover um diálogo permanente entre alunos,

professores e comunidade, por meio do qual a equipe contribuisse para o dinamismo das práticas educacionais, a partir das necessidades e interesses da comunidade escolar local.

4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A origem desses “lugares de memória” deve-se à necessidade de salvaguardar o bem mais importante para um povo: seu passado, sua história documentada, registrada em diversos suportes, a fim de contribuir para a formação da identidade cultural desse povo. Sem essas instituições, os aspectos culturais e de identidades das sociedades estariam apagados da memória, ou melhor, estariam sem os pontos de referência que ativam a lembrança. A memória seria vítima do esquecimento.

Portanto é papel social dos museus, bibliotecas e outras instituições-memória, preservar e manter a memória da humanidade, uma vez que abrigam conjuntos documentais que servirão à posteridade (SOUTO, 2010). As instituições-memória do município de Igarassu são de grande valor histórico, e preservam em seus interiores um significativo capítulo da história do Brasil.

No entanto, não basta apenas preservar. É preciso fazer com que o indivíduo conheça sua própria cultura, só assim ele entenderá a importância de mantê-la viva na memória como forma de resguardar o que fomos, o que somos.

A partir desse artigo, percebemos nas instituições-memória de Igarassu, mesmo com diversas dificuldades, uma afirmação do papel social da Ciência da Informação, bem como a necessidade de estudos sobre o fluxo informacional nessas instituições, visto que, a sociedade contemporânea tem cada vez maior necessidade de acesso à informação e ao conhecimento, principalmente em busca de sua memória, suas peculiaridades, sua identidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e Memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul/dez. 2007.

BARRETO NETO, G. J. P. **Igarassu: Pernambuco começou aqui – 1535**. Igarassu: o autor, 1999.

BORKO, H. Ciência da informação: o que é isto? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da Informação.** In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 5, 2003. Belo Horizonte: **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003

CAVALCANTI, L. A. S.; CUNHA JÚNIOR, M. V. da C. **Educação patrimonial como experiência interdisciplinar:** conhecer, pertencer, se identificar e preservar. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu, Igarassu, 2015.

CUNHA JÚNIOR, M. V. da C.; CORREIA, A. E. G. C. Abrindo e fechando portas: diagnóstico das bibliotecas públicas municipais da Região Metropolitana Norte de Recife – PE. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1498>> Acesso em: jul. 2014.

DODEBEI, V.; GOUVEIA, I. Contribuições das teorias da memória para o estudo do patrimônio da web. In: FUJITA, M. S. L. (org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. ; CHAGAS, M. (orgs.) **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: D&A; FAPERJ; UNIRIO, 2003. p.56-76.

FRAGOSO, I. da S. **Instituição Memória:** modelos institucionais de proteção ao patrimônio Cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

_____.; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Instituições-Memória na Cidade de João Pessoa. In: CONFERENCE ON TECHNOLOGY, CULTURE AND MEMORY, 2011, Recife, **Anais...** Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/ctcm/anais/anais_ctcm/38_instit_paraiba.pdf> Acesso em: ago. 2014.

GALINDO, M. Sistemas memoriais e redes de memórias. SEMINÁRIO DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS, 2, 2012, **Anais...** São Paulo: SESC, 2012b. 38 p. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13883>>. acesso: jun. 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2013.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

KÖHLERI, A. F. **Patrimônio cultural, turismo e gestão pública: exploração turística predatória e desvalorização patrimonial em Igarassu, Brasil**. PASOS: Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, v. 9, n. 2, p. 265-278, 2011.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996.

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, J. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca: com um capítulo referente à propriedade literária**. São Paulo: Ática, 2002.
MELO, F. Histórico da Biblioteca de Igarassu. Igarassu: [s. n.], 2005.

_____. Cartilha Igarassu: informações municipais. Igarassu: Instituto Histórico de Igarassu, 2010.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A ciência da informação, memória e esquecimento. **DataGramaZero**, v. 9, n. 6, p. 00, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/5249>> Acesso em: jul. 2014.

NASCIMENTO, J. H. **Projeto de implementação da Casa do Patrimônio de Igarassu**. Igarassu: IPHAN, 2014.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PATRIOTA, L. M. Cultura, identidade cultural e globalização. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais – CAOS**, n.4, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero4/04patriota.pdf>> Acesso em: set. 2014.

PEREIRA, J. da R. **Sobrepondo valores**: a construção do território de Igarassu – PE. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%BAo%20Julia%20da%20Rocha%20Pereira_m3.pdf> acesso: jul. 2015.

PINHEIRO, L. V. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. In: **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun.2005.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, L. B. **Centros de cultura, espaços de informação**: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

RIBEIRO, L. B. Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, E. I.(Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos, SP: Compacta Gráfica e Editora, 2010. p. 33-44.

RIBEIRO, R. D. P. **Memória e contemporaneidade**: as tecnologias da informação como construção histórica. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>> Acesso em: ago. 2014.

ROBREDO, J. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **LiincemRevista**, v.7, n.1, p.19-42, mar. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/401/261>>. Acesso em: jul. 2014.

SÁ, C. P. de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.20, n.2, p.290-295. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/prc>. Acesso em: ago. 2014.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: AnnaBlume, 2003.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>> Acesso em: jun. 2014.

SILVEIRA, F. C. J. N. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 67-86, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/9464>> Acesso em: jan. 2016.

_____. Sendas entre o visível e o invisível: a biblioteca como “lugar de memória” e de preservação do patrimônio. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v.13, n.5, out. 2012, artigo 03. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/17735>> Acesso em: jan. 2016.

SOUZA, M. da P. N. de. Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (org.) **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p.75-90.

TAVARES, A. L. de L.; SILVA, P. M. da. A biblioteca particular de Joseph Comblin como espaço de memória e preservação, João Pessoa – PB. **Enancib**, v. 13, 2012.
Disponível em:
<enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/view/3931/3054>
Acesso em: jun. 2016.